

SETOR DE ENERGIA

A CADEIA, DO PETRÓLEO

Um panorama executivo da indústria petrolífera mundial e dos riscos sobre esta cadeia.

Definições

Cadeia produtiva

Usos

Reservas

Produção

Comércio

Preços

Risco

COORDENAÇÃO

Prof. Dr. Raphael Almeida Videira

Quem fez este relatório

Produzido pela Equipe RAIA-ESPM. Pesquisa, curadoria de dados e redação pelas integrantes; Coordenação acadêmica e revisão analítica pelo professor responsável.

COORDENAÇÃO ACADÊMICA

Prof. Dr. Raphael Almeida Videira

Orientação e revisão analítica

INSTITUIÇÃO

ESPM — Escola Superior de Propaganda e Marketing

RAIA - ESPM - Risk Analysis and International Affairs

PESQUISA, DADOS E REDAÇÃO — ANALISTAS RESPONSÁVEIS

01 Anna Clara Pfuetzenreiter

02 Ana Clara Costa

03 Beatriz Turco

04 Ellen Zuliani

05 Julia Braz

06 Julia Emerich Lopes de Souza

07 Julia Mendonça Vieira

08 Laura Barreto

09 Mariana Bortuluzi

— SOBRE O DOCUMENTO

Este documento é derivado do relatório completo de pesquisa que as analistas realizaram ao longo do semestre. Os números são apresentados como referência setorial e foram retirados de fontes oficiais.

Documento editável — textos, dados e comentários podem ser atualizados a cada edição.

EDIÇÃO

Working Paper— 2026

SUMÁRIO EXECUTIVO

O essencial em uma página

O petróleo segue como a principal fonte de energia primária do mundo e corresponde a cerca de 30% da matriz energética mundial. Apesar do esforço de transição energética para outras fontes, o petróleo ainda possui uma importância muito grande e torna o setor estratégico para a economia e o setor produtivo dos países e muito sensível à eventos geopolíticos.

~1,57tri barris de reservas provadas no mundo (ANP)	~70% das reservas provadas concentradas na OPEP (OPEC)	US\$ 85 preço médio do Brent em 2026 (Google Finanças)
---	--	--

NESTE RELATÓRIO

01	Definições do setor Tipos de produto, grades e benchmarks	p.04
02	Cadeia produtiva Upstream, midstream e downstream	p.05
03	Principais usos Combustíveis, petroquímica e derivados	p.06
04	Reservas Quantidade e distribuição geográfica	p.07
05	Produção Destaque para países e empresas	p.08
06	Comércio internacional Exportadores, importadores e autossuficiência	p.09
07	Preços do petróleo Histórico e fatores de formação	p.10
08	Análise de risco Eventos Avaliados	p.11

Seção 01

DEFINIÇÕES & TIPOS DE PRODUTO

O que é, afinal, o petróleo

Mistura de hidrocarbonetos de origem fóssil, o petróleo bruto (*crude oil*) é classificado por densidade e teor de enxofre — atributos que definem seu valor e a rota de refino.

CLASSIFICAÇÃO POR DENSIDADE (GRAU API)

Leve > 31°	Médio 22–31°	Pesado < 22°
Maior rendimento de derivados nobres (gasolina, diesel). Mais valorizado.	Equilíbrio entre rendimento e custo de processamento.	Mais viscoso; exige refino complexo. Menor preço relativo.

CLASSIFICAÇÃO POR ENXOFRE

Doce (sweet) < 0,5% S	Ácido (sour) > 0,5% S
Baixo enxofre; refino mais barato e menos poluente.	Alto enxofre; requer dessulfurização adicional.

BENCHMARKS DE REFERÊNCIA

Brent · Mar do Norte

WTI · EUA

Dubai/Omã · Oriente Médio

O **Brent**, produzido no Mar do Norte, é o benchmark de maior abrangência mundial. Sua classificação como petróleo leve e doce, aliada à elevada liquidez de seus contratos futuros e à integração com o comércio marítimo global, faz com que seu preço seja particularmente sensível a fatores geopolíticos e às decisões da OPEP+.

O **WTI**, principal referência norte-americana, apresenta qualidade ligeiramente superior ao Brent, mas opera com desconto recorrente em função de gargalos logísticos domésticos — notadamente os limites de armazenamento e transporte em Cushing, Oklahoma —, além de ser fortemente influenciado pela produção de shale oil.

O **Dubai/Oman** ocupa posição estratégica como benchmark de referência para exportações do Oriente Médio destinadas à Ásia, refletindo crudes médios e azedos — de maior teor de enxofre — amplamente processados por refinarias asiáticas. Sua composição, que incorpora tipos como Oman, Murban e Upper Zakum, amplia a liquidez e a representatividade do indicador, cuja evolução acompanha diretamente o crescimento da demanda energética asiática e os deslocamentos na relação de preços entre petróleos doces e azedos no mercado global.

EM UMA FRASE

Quanto mais leve e doce o petróleo, maior seu valor de mercado e mais simples o refino. Logo, este tipo de produto é o preferido das refinarias por gerar maior volume de combustíveis nobres (como gasolina e querosene) com custos menores de processamento.

Seção 02

— DA EXPLORAÇÃO AO CONSUMIDOR

A cadeia produtiva

A indústria organiza-se em três grandes elos — *upstream*, *midstream* e *downstream* — que vão da descoberta da jazida ao produto na bomba e na petroquímica.

- 1** **UPSTREAM**
Planejamento
Estudos geológicos, sísmica e perfuração para localizar e avaliar reservatórios.
- 2** **UPSTREAM**
Exploração
Extração do óleo e gás do reservatório; em alto-mar, via plataformas (offshore).
- 3** **MIDSTREAM**
Transporte & logística
Oleodutos, navios-tanque e terminais movimentam o cru até as refinarias.
- 4** **DOWNSTREAM**
Refino
Separação e transformação do cru em derivados por destilação e craqueamento.
- 5** **DOWNSTREAM**
Distribuição
Logística secundária, atacado e varejo dos combustíveis e derivados.
- 6** **DOWNSTREAM**
Petroquímica & consumo
Plásticos, fertilizantes, lubrificantes e produtos finais ao mercado.

— OS TRÊS ELOS

Upstream

Onde está o maior risco e a maior margem: explorar e produzir.

Midstream

Conecta produção e mercado; gargalo logístico estratégico.

Downstream

Agrega valor e chega ao consumidor final.

◆ ANÁLISE

As principais empresas do setor acabam possuindo presença importante nos três elos da cadeia (*upstream*, *midstream* e *downstream*). Desta forma, as empresas conseguem obter proteção contra grandes flutuações no preço do petróleo, bem como podem ampliar a sua capacidade estratégica e sua influência no preço.

Seção 03

— PARA ONDE VAI O PETRÓLEO

Principais usos & derivados

Grande parte do petróleo vira combustível para transporte, mas seus derivados são amplamente utilizados nos mais diversos setores, tais como: plásticos, fertilizantes, vestuário e infraestrutura. Por esta razão é muito difícil substituí-lo por completo.

— PRINCIPAIS DERIVADOS — (derivados energéticos)

- 1 **Óleo diesel** — utilizado em motores de ciclo diesel, é essencial para o transporte de cargas e a logística nacional e internacional.
- 2 **Gasolina A** — combustível de uso automotivo amplamente consumido em todo o mundo, especialmente nos EUA (10,6 mi b/d em 2024, OPEC ASB 2025).
- 3 **GLP (Gás Liquefeito de Petróleo)** — uma das frações mais leves do petróleo, com queima limpa e baixa emissão de poluentes (ANP).
- 4 **QAV (Querosene de Aviação)** — combustível para motores de aeronaves. No Brasil, cresceu 19,11% em 2024 (ANP), refletindo a recuperação do setor aéreo.
- 5 **Óleo combustível (Bunker)** — alta viscosidade, utilizado em motores de navios, fornos e caldeiras industriais.
- 6 **Gasolina de aviação** — variante voltada para aeronaves de pequeno porte com motores a pistão.

— OUTROS PRODUTOS (derivados não energéticos)

- 1 **Nafta petroquímica** — matéria-prima fundamental da indústria química; base de plásticos, borrachas sintéticas, detergentes, solventes, fibras e fertilizantes.
- 2 **Coque de petróleo** — resíduo sólido do refino, alto teor de carbono; combustível industrial e fabricação de eletrodos para a indústria do alumínio.
- 3 **Asfalto (betume asfáltico)** — fração mais pesada, adesiva e impermeabilizante; pavimentação de rodovias e impermeabilização de construções.
- 4 **Óleos lubrificantes** — densidade média, não destinados à combustão, mas à lubrificação de motores e engrenagens industriais.
- 5 **Solventes** — utilizados na indústria química, de tintas e de limpeza.
- 6 **Parafina** — empregada na fabricação de velas, embalagens e cosméticos.

Seção 04

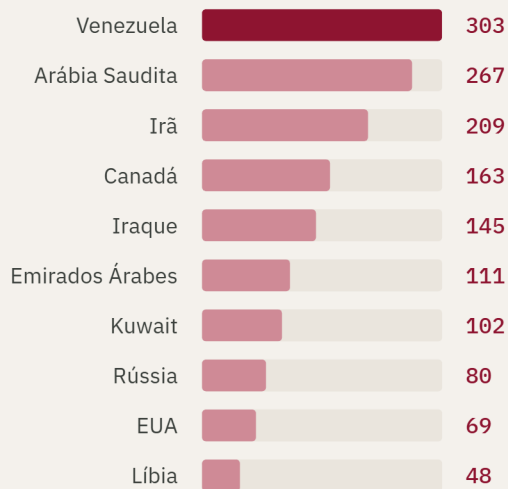
— QUANTO EXISTE E ONDE ESTÁ

Reservas provadas

As reservas provadas mundiais somam cerca de **1,57 trilhão de barris**, mas estão fortemente concentradas: poucos países detêm a maior parte do óleo economicamente recuperável.

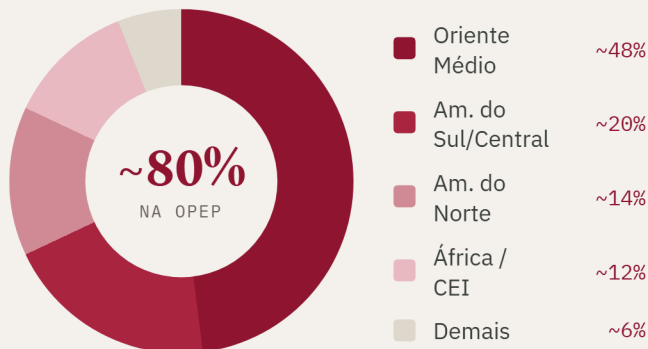
Top 5 países por reservas provadas

Bilhões de barris • referência 2024 – OPEC



Concentração por região

Participação nas reservas provadas – OPEC



♦ ANÁLISE

Essa concentração geográfica representa um fator estratégico relevante. Tensões no Estreito de Ormuz, por exemplo, podem comprometer o fluxo internacional de petróleo e provocar forte volatilidade nos preços. Segundo a Reuters, o fechamento prolongado da rota poderia retirar volumes expressivos do mercado mundial, ampliando os riscos para países importadores e para a economia global (REUTERS, 2026).

Mesmo com o aumento da produção em países como Brasil, Estados Unidos e Canadá, a maior parte da capacidade de resposta rápida continua concentrada no Oriente Médio, reforçando a dependência estrutural do mercado internacional em relação a essa região (IEA, 2026; OPEC, 2026).

Seção 05

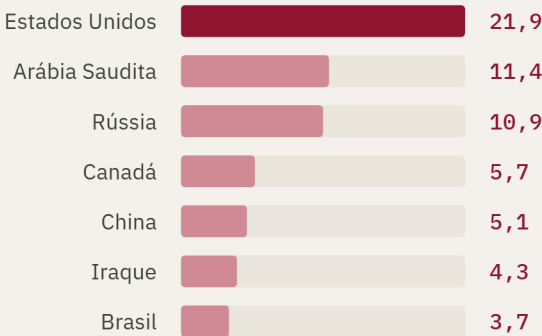
— DESTAQUE PARA PAÍSES E EMPRESAS

Produção mundial

EUA, Rússia e Arábia Saudita formam o pódio da produção, respondendo sozinhos por cerca de um terço da oferta global de petróleo e líquidos.

Maiores países produtores

Milhões de barris/dia (Petróleo Bruto) · referência 2024



ANÁLISE

A produção mundial de petróleo de 2025 foi de 74,85 milhões de barris por dia, com crescimento de cerca de 3% em relação ao ano anterior. Ainda segundo o relatório, a produção na América Latina cresceu 7,83%, a da África 5,13% e a dos membros europeus da OCDE, 4,76%. Os países membros da OCDE na Ásia-Pacífico tiveram a maior queda, com redução de 16,84% (OPEC, 2026).

Em 2024, a produção dos países membros da OPEC (12 países) correspondeu a 36,2% da produção de petróleo cru — valor que vem caindo alguns pontos percentuais desde 2022, ano em que a produção mundial cresceu 3,8 milhões de barris por dia.

Maiores Empresas do Setor por Faturamento

Faturamento 2025 · US\$ bilhões

	EMPRESA	FATURAMENTO
1	Saudi Aramco Arábia Saudita	443,4
2	Shell Reino Unido	269,0
3	PetroChina China	246,8
4	TotalEnergies França	187,3
5	Sinopec China	127,6
6	Kuwait Petroleum Kuwait	114,0
7	Indian Oil Índia	100,6
8	Rosneft Rússia	99,0
9	Petrobras Brasil	90,9
10	PTT Tailândia	81,8

Seção 06

— EXPORTADORES, IMPORTADORES & AUTOSSUFICIÊNCIA

Os fluxos do petróleo

O mapa do comércio revela a *interdependência energética*: o Oriente Médio e a Rússia abastecem; a Ásia — liderada pela China — consome e importa.

— MAIORES EXPORTADORES

Arábia Saudita

Rússia
Canadá
Iraque
Emirados Árabes
EUA

— MAIORES IMPORTADORES

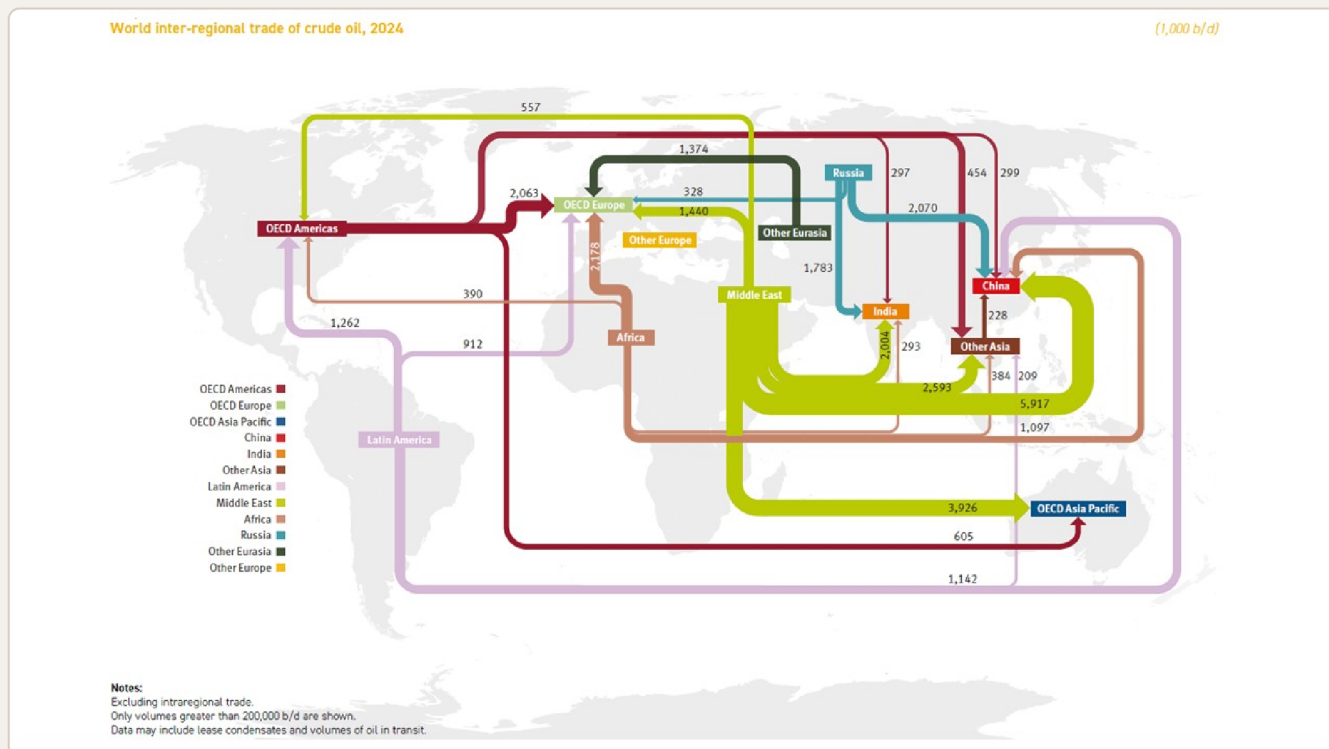
China

EUA
Índia
Japão
Coreia do Sul
Europa (UE)

◆ ANÁLISE

Poucos países produzem o que consomem. EUA, Canadá, Rússia e Arábia Saudita são superavitários; já China, Índia, Japão e boa parte da Europa são estruturalmente dependentes de importação. O Brasil tornou-se exportador líquido de petróleo cru, mas ainda importa derivados — um paradoxo que reflete os limites de sua capacidade de refino.

Comércio inter-regional de petróleo cru, 2024 (mil b/d) • OPEC



Seção 07

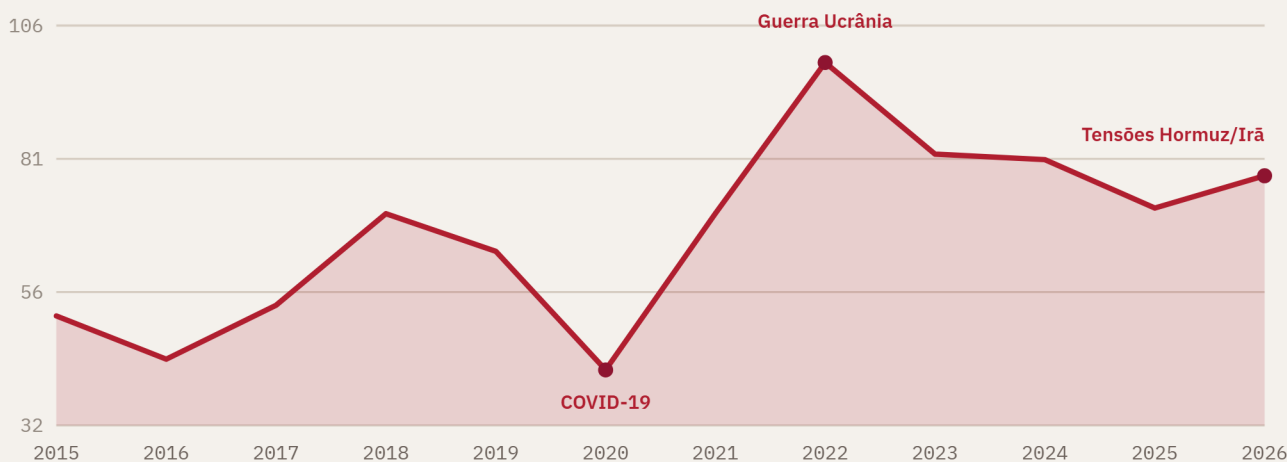
— HISTÓRICO & FATORES DE FORMAÇÃO

Preços do petróleo

O preço do barril é *volátil por natureza*: responde a guerras, decisões da OPEP+, ciclos econômicos e choques de oferta e demanda — como mostram a queda de 2020 e o pico de 2022.

Brent — Preço Médio Anual (US\$/barril) - Brent

Referência 2015–2026 • FMI



◆ ANÁLISE

O petróleo é uma das commodities mais negociadas do mundo, com preços cotados em dólares e determinados pela interação entre oferta, demanda e fatores geopolíticos. No lado da oferta, a OPEP coordena cotas de produção entre os principais exportadores para estabilizar o mercado e evitar oscilações extremas no preço do barril. No lado da demanda, o crescimento do PIB global é o principal motor do consumo energético — expansões econômicas elevam a demanda, enquanto recessões a contraem. A esse dinamismo soma-se a crescente financeirização do mercado, na qual expectativas sobre inflação, crescimento e riscos geopolíticos passaram a provocar oscilações relevantes nos preços mesmo antes de qualquer mudança concreta na oferta ou demanda física da commodity.

Eventos extraordinários das últimas décadas ilustram com precisão essa dinâmica. Em 2020, a pandemia da COVID-19 paralisou a mobilidade global, colapsou o consumo de combustíveis e gerou um excesso histórico de oferta — situação tão extrema que os contratos futuros do WTI chegaram a registrar preços negativos em abril daquele ano. Em 2022, a guerra entre Rússia e Ucrânia reconfigurou o abastecimento energético global, com sanções ao petróleo russo elevando custos logísticos e aprofundando a insegurança energética europeia. Mais recentemente, em 2026, o embate militar entre Irã e Estados Unidos voltou a pressionar os preços pela incerteza quanto à oferta proveniente do Oriente Médio, região que concentra mais de 55% das reservas provadas mundiais e responde por parcela expressiva das exportações globais de petróleo cru.

— O QUE MOVE O PREÇO

Oferta • OPEP+ Cotas de produção controlam o volume no mercado.	Demanda global Crescimento econômico, sobretudo da Ásia.	Geopolítica Guerras, sanções e tensões em rotas-chave.	Dólar & estoques Câmbio, juros e nível de estoques estratégicos.
---	--	--	--

Seção 08

— ANÁLISE DE RISCO E IMPACTO SOBRE A CADEIA GLOBAL DE VALOR DO PETRÓLEO

Análise de risco e impactos sobre a Cadeia

O RAIA selecionou alguns eventos importantes que mesclam elementos políticos, geopolíticos e econômicos para avaliar o impacto sobre a cadeia global de valor do petróleo.

EVENTOS

O que esta seção vai trazer

- 01 Substituição do petróleo por energias renováveis
- 02 Tarifaço e Guerra Comercial
- 03 Conflitos no continente africano
- 04 Crise Venezuelana
- 05 Conflitos no Oriente Médio

— TRANSIÇÃO ENERGÉTICA

Substituição do petróleo por energias renováveis

A transição energética é o deslocamento gradual da matriz de combustíveis fósseis para fontes de baixo carbono, impulsionado pela queda de custo da geração solar e eólica, por metas de descarbonização e por políticas públicas de incentivo. Este processo não se trata de um choque, mas de uma tendência estrutural cujo efeito aparece menos no preço à vista e mais na alocação de capital ao longo do tempo.

Este evento possui uma probabilidade provável e impacto de baixo a moderado no horizonte de 12 meses, tornando-se alto em 10 a 15 anos. A tendência já está em curso, o que sustenta a probabilidade elevada, mas o impacto se materializa lentamente. O efeito sobre a cadeia não é homogêneo: o elo mais exposto é o downstream de combustíveis, pressionado pela eletrificação da frota, enquanto a petroquímica permanece protegida por não haver substituto em escala para plásticos, fertilizantes e lubrificantes. O impacto mais relevante, contudo, é transversal — ao encurtar o horizonte de amortização dos ativos, a transição eleva o custo de capital de projetos de ciclo longo e redireciona as decisões de investimento para barris de baixo custo de extração e baixa intensidade de carbono, posição em que o pré-sal brasileiro é competitivo.

PROBABILIDADE **Provável**Raro Improvável Possível **Provável** CertoIMPACTO • 12 MESES **Baixo–Moderado**Marginal **Baixo** Moderado Alto SignificanteIMPACTO • 10–15 ANOS **Alto**Marginal Baixo Moderado **Alto** Significante**Downstream**

Elo mais exposto — eletrificação da frota pressiona combustíveis.

Petroquímica

Protegida — sem substituto em escala para plásticos, fertilizantes e lubrificantes.

Upstream

Redistribuição — capital migra para barris de baixo custo e baixo carbono (pré-sal).

— TARIFAÇÃO E GUERRA COMERCIAL

Tarifação e guerra comercial

O tarifação é a imposição de tarifas de importação com finalidade protecionista e este quadro ficou mais latente a partir da presidência de Donald Trump em seu segundo mandato. Ao atingir vários setores econômicos e inúmeros parceiros, as relações comerciais foram extremamente prejudicadas.

Este evento possui uma probabilidade possível e impacto moderado. Como o petróleo e seus derivados foram excluídos das tarifas e o principal instrumento jurídico caiu, o impacto direto sobre o fluxo da commodity é limitado. O canal indireto persiste: barreiras comerciais reduzem crescimento global e, com ele, a demanda por energia. Mais relevante para a cadeia, porém, é o canal de insumos — as tarifas da Seção 232 incidem sobre aço, alumínio e cobre, matérias-primas de tubulação, dutos, plataformas e equipamentos de refino, elevando o capex dos elos de upstream e midstream sem afetar o comércio do óleo em si. Soma-se a isso o efeito institucional: a substituição sucessiva de instrumentos legais mantém a incerteza regulatória elevada, e para projetos com retorno em quinze a vinte anos a volatilidade da regra pesa mais do que o nível da tarifa.

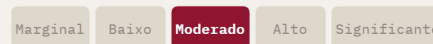
PROBABILIDADE

Possível



IMPACTO

Moderado



Upstream & midstream

Capex elevado — tarifas Seção 232 sobre aço, alumínio e cobre (tubulação, dutos, plataformas, refino).

Comércio do óleo

Não afetado diretamente — petróleo e derivados excluídos das tarifas.

Investimento de longo prazo

Incerteza regulatória — volatilidade da regra pesa mais que o nível da tarifa.

CONFLITOS NO CONTINENTE AFRICANO

Conflitos no continente africano

Nigéria e Líbia, os dois maiores produtores africanos, convivem com instabilidade crônica: insurgência jihadista no nordeste nigeriano, furto e desvio de combustível no Delta do Níger e disputa armada pelo controle da renda petrolífera na Líbia desde 2011. A região do Sahel, fronteira a ambos, agrava o quadro ao elevar o risco-país de toda a faixa e restringir o investimento estrangeiro.

Probabilidade possível de ruptura capaz de mover o preço internacional e impacto baixo em escala global e médio em escala regional. A distinção importa: o conflito em si é condição permanente, mas a interrupção com efeito sobre o mercado global é rara, porque a capacidade ociosa da OPEP+ absorve as quedas africanas. O impacto se distribui de forma assimétrica. Por qualidade do óleo, Nigéria e Líbia exportam cru leve e doce, concorrente do Tupi na bacia do Atlântico, de modo que uma interrupção africana tende a ampliar o diferencial obtido pelo petróleo brasileiro na Europa. Por elo da cadeia, o dano concentra-se menos na produção do que na captura de valor, já que furto em dutos e desvio de combustível importado transferem renda da cadeia formal para redes ilícitas.

PROBABILIDADE **Possível**

Raro	Improvável	Possível	Provável	Certo
------	------------	-----------------	----------	-------

IMPACTO • GLOBAL **Baixo**

Marginal	Baixo	Moderado	Alto	Significante
----------	--------------	----------	------	--------------

IMPACTO • REGIONAL **Médio**

Marginal	Baixo	Moderado	Alto	Significante
----------	-------	-----------------	------	--------------

Qualidade do óleo

Cru leve e doce concorrente do Tupi — interrupção amplia o diferencial do petróleo brasileiro na Europa.

Captura de valor

Furto em dutos e desvio de combustível transferem renda da cadeia formal para redes ilícitas.

Estrutura de propriedade

Desinvestimento onshore desloca operação para offshore profundo e operadores locais e asiáticos.

— CRISE VENEZUELANA

Crise venezuelana

A Venezuela detém as maiores reservas provadas do mundo, concentradas na Faixa do Orinoco, mas viu a produção cair de mais de 3 milhões de barris diários nos anos 2000 para cerca de 1 milhão, por efeito de sanções, subinvestimento, perda de mão de obra qualificada e deterioração de infraestrutura. O cenário mudou em 2026: com a captura de Maduro em janeiro e a posse de Delcy Rodríguez, houve flexibilização das sanções norte-americanas e retomada da entrada de capital estrangeiro, com a Chevron ampliando sua participação em um dos principais campos do Orinoco.

A probabilidade é provável de recuperação gradual da produção; impacto moderado, concentrado no refino e nos fluxos regionais das Américas. O elemento decisivo é a qualidade do barril. O cru venezuelano é extrapesado e ácido, não concorrendo com o petróleo leve e doce, mas disputando um slot específico de refino: o das unidades de conversão profunda da Costa do Golfo dos Estados Unidos, configuradas para carga pesada. Por isso o retorno venezuelano se manifesta primeiro nos diferenciais entre óleo pesado e leve e nas margens de coqueamento, e apenas marginalmente no nível do Brent. Há ainda uma cadeia auxiliar relevante, pois a produção do Orinoco depende de nafta importada como diluente, o que constitui fluxo próprio de midstream e vulnerabilidade adicional. O impacto não é maior porque a recuperação plena exige anos de investimento em infraestrutura degradada — a reserva é ampla, mas a conversão em barris é lenta.

PROBABILIDADE

Alta

Raro Improvável Possível **Provável** Certo

IMPACTO

Médio

Marginal Baixo **Moderado** Alto Significante

Qualidade do óleo

Cru extrapesado e ácido — disputa slot de conversão profunda da Costa do Golfo dos EUA, não o mercado de leve e doce.

Refino & diferenciais

Efeito primeiro nos diferenciais pesado-leve e margens de coqueamento, apenas marginal no Brent.

Midstream auxiliar

Orinoco depende de nafta importada como diluente — vulnerabilidade adicional de fluxo.

CONFLITOS NO ORIENTE MÉDIO

Conflitos no Oriente Médio

A crise iniciada em fevereiro de 2026, com a ofensiva conjunta entre Estados Unidos e Israel contra o Irã e a retaliação iraniana sobre o Estreito de Ormuz, materializou o cenário clássico de risco de ponto de estrangulamento, isto é, a interrupção de um corredor marítimo por onde passa cerca de um quinto do petróleo e do GNL comercializados no mundo. O Brent saiu de aproximadamente 73 dólares por barril antes do conflito para um pico próximo de 140 em abril, recuando à faixa dos 80 após o memorando de entendimento assinado em junho.

Impacto realizado alto entre fevereiro e junho de 2026; probabilidade média-alta de reescalada e impacto alto no horizonte de 12 meses. É o único fator do conjunto que atinge todos os elos simultaneamente, o que caracteriza risco sistêmico. O epicentro está no midstream, com elevação de fretes, prêmios de seguro de risco de guerra, suspensão de operações por armadores e migração de carga para embarcações fora dos sistemas convencionais de rastreamento. Em seguida vêm o refino asiático, obrigado a reconfigurar sua cesta de cargas, e o GNL catariano, cuja interrupção se propaga para os preços de gás na Europa e na Ásia e daí para amônia e fertilizantes, canal pelo qual o choque alcança o agronegócio brasileiro. No upstream, o efeito é a revalorização estratégica de barris situados fora de Ormuz, o que sustenta a tese de investimento da Margem Equatorial.

Para o Brasil, o saldo é ambíguo por construção: ganho de receita exportadora e prêmio de qualidade de um lado, pressão inflacionária via diesel e fertilizantes de outro.

PROBABILIDADE •
REESCALADA

Média-
Alta

Raro Improvável Possível Provável Certo

IMPACTO REALIZADO • FEV-
JUN/26

Alto

Marginal Baixo Moderado Alto Significante

IMPACTO • HORIZONTE 12 MESES

Alto

Marginal Baixo Moderado Alto Significante

Midstream

Epicentro — fretes, seguro de guerra, suspensão de operações e migração para embarcações fora do rastreamento.

Refino & GNL

Refino asiático reconfigura cargas; GNL catariano propaga choque a gás, fertilizantes e agronegócio brasileiro.

Upstream

Revalorização de barris fora de Ormuz — sustenta a tese de investimento da Margem Equatorial.

COMO LER OS NÚMEROS

Este resumo executivo consolida o relatório de pesquisa do núcleo RAIA. Os valores são apresentados como ordem de grandeza setorial e devem ser confirmados nas fontes primárias abaixo. Documento editável — atualize dados e comentários a cada edição.

FONTES SUGERIDAS

EIA — U.S. Energy Information Administration OPEC Annual Statistical Bulletin BP / Energy Institute — Statistical Review IEA — International Energy Agency Google Finanças ANP — Agência Nacional do Petróleo (Brasil)

PERÍODO DE REFERÊNCIA

Reservas e produção: 2023 Preços (Brent): 2015–2026 Comércio: médias recentes Edição: 2026 · v1.0

COORDENAÇÃO

Prof. Dr. Raphael Almeida Videira

NÚCLEO

RAIA · ESPM

PRÓXIMA EDIÇÃO

Geopolítica do Petróleo

